

**A GEOGRAFIA DE COIMBRA E A
'COIMBRA 2003, CAPITAL NACIONAL DA CULTURA'**

*A. Campar de Almeida**
*Rui Missa Jacinto**

No sentido de materializar um anseio há muito sentido por vários de nós, docentes do Grupo de Geografia da Faculdade de Letras de Coimbra e aproveitando a oportunidade entretanto criada com a realização da “Coimbra 2003 – Capital Nacional da Cultura”, decidimos solicitar à respectiva coordenação apoio para levar a efeito a preparação de um conjunto de três exposições e da publicação dos respectivos catálogos, o que viria a ser concedido.

A primeira exposição, denominada “*Fragments de um retrato inacabado. A Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um país*”, foi inaugurada em 3 de Dezembro de 2003, na Reitoria da Universidade e foi consagrada à divulgação daquilo que é e faz a Geografia neste momento em Coimbra e dos respectivos caminhos que esta ciência veio trilhando até ao presente. A sua abertura foi antecedida de uma sessão de conferências, na Faculdade de Letras, e onde tomaram da palavra os Professores Doutores Valentim Cabero Dieguez e Lucília Caetano.

A segunda exposição, intitulada “*Olhar o mundo, ler o território. Uma viagem pelos mapas*”, foi inaugurada em 10 de Dezembro de 2003, com uma sessão pública na Faculdade de Letras, onde foram conferencistas os Professores Doutores Susanne Daveau, José Manuel Pereira de Oliveira, João Marinho dos Santos e Carlos Alberto Nabais Conde. A exposição que decorreu, ao longo de várias semanas, no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, no Colégio das Artes, efectivou-se graças à cedência, para o efeito, de um acervo de mapas antigos do espólio do Prof. Doutor Carlos Alberto Nabais Conde, docente do Departamento de Física, da Universidade de Coimbra. Nela, os visitantes tiveram oportunidade de percorrer grande parte da história da cartografia desenvolvida principalmente na Europa, além de poderem apreciar algumas peças cartográficas esteticamente muito valiosas.

* Departamento de Geografia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A terceira e última exposição, denominada “*Esta Coimbra... Alfredo Fernandes Martins, a cidade e o cidadão*”, teve lugar na Reitoria da Universidade e foi dedicada a uma das figuras mais marcantes da Geografia portuguesa, o Prof. Alfredo Fernandes Martins, nas suas facetas de homem, cidadão, docente e investigador. Também aqui houve lugar a uma sessão de abertura, efectuada na Faculdade de Letras, onde tomaram da palavra os Professores Doutores Fernando Rebelo, Maria Helena da Rocha Pereira e Abílio Hernandez e a Dr.^a Paula Fernandes Martins, filha do homenageado.

Na realidade, esta conjuntura favorável permitiu mostrar, através destas exposições e catálogos, o contributo da Geografia de Coimbra para o avanço do conhecimento humano sobre o território e a sociedade, relembrando, em paralelo, alguns dos seus protagonistas mais ilustres. Para isso muito contribuiu a já longa história de mais de noventa anos do ensino formal da Geografia em Coimbra, precisamente desde a criação da Faculdade de Letras, em 1911. A estes aspectos se dedicou a primeira exposição e catálogo.

Boa parte dessa história pôde ser contada a partir dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, em particular das suas teses de licenciatura. De facto, para a conclusão da licenciatura e até 1974, era exigida uma dissertação sobre determinado tema proposto ou acordado com o professor. Independentemente da sua qualidade científica, estas teses permitiram-nos fazer um balanço da evolução da realidade do país ao longo de cerca de meio século, assim como das mudanças de métodos e matrizes temáticas por que ia passando o curso e a própria Geografia.

Mas, tão ou mais importante ainda, foi a possibilidade de esboçar as metamorfoses, os retratos económico e social de alguns dos fragmentos do complexo mosaico regional português, com as colónias incluídas. Nestes trabalhos é notória uma correspondência maior de certos temas a determinados períodos: população – anos 40, portos e pesca – anos 50 e 60, indústria – anos 60, emigração – anos 70, apenas para citar alguns exemplos. Não obstante o contexto político referente ao período em análise, estas abordagens temáticas, além de reflectirem as novidades do saber geográfico além fronteiras podem ser entendidas como manifestações de uma dialéctica entre as preocupações científicas dos orientadores e a própria dinâmica geográfica e sócio-económica que o país foi conhecendo.

A imagem esboçada, além de incompleta e inevitavelmente inacabada, acaba por ser espacialmente fragmentada, denunciando as áreas investigadas, o local de origem dos alunos e dando-nos a clara noção da influência nacional que o curso de Geografia de Coimbra detinha à época. Por outro lado, os estudos de pormenor permitiram-nos elucidar, quase sempre e em cada um dos momentos, sobre o estado do país e das suas gentes, constituindo, por isso, uma importante amostra dos enquadramentos históricos, biofísicos e sócio-económicos.

Os elementos fornecidos pelas teses representam hoje importantes documentos históricos por constituírem não só registos de dados obtidos num tempo e num espaço próprios, mas porque foram objecto de análise especializada. Um dos aspectos mais interessantes que se pôde retirar de boa parte destes trabalhos é a descrição dos modos de vida e das relações entre diferentes classes sociais. Se em alguns casos existe muito de etnográfico, noutros apercebemo-nos claramente da situação de pobreza e, especialmente, da falta de horizontes e de perspectivas que estiveram na origem do abandono dos campos verificado com inusitada intensidade a partir da década de sessenta.

Muito dificilmente se pode conceber a Geografia sem a existência de mapas. Neste contexto, aproveitando a paixão que um dos nossos colegas da Faculdade de Ciências nutre por cartografia antiga e de ao longo dos anos ter acumulado um acervo importante desses mapas, foi possível fazer, com estes, “uma viagem pelos mapas” – o *leit motiv* da segunda exposição e catálogo.

Os mapas transportam consigo uma carga simbólica que lhe vem, sobretudo, da sua própria concepção e modo de construção. Durante largo tempo representavam o que se via, mas também muito do que se desejava ver ou do que se imaginava. Suportados pelo território que representam, os mapas são, como se disse, indissociáveis da Geografia tal como esta ciência não deixa de ser, também, a arte de mapear continentes, mares, lugares. Através de ambos acabamos por percorrer o mundo e abarcar a Humanidade.

Os mapas fixam e trazem até nós, sobretudo a partir do século XVI, diferentes olhares do mesmo espaço, da mesma gente. Com eles viaja-se no tempo. Percorrem-se territórios. Ontem como hoje este é o seu grande privilégio.

A história da Cartografia confunde-se com a história da Geografia. As representações cartográficas conhecidas remontam, pelo menos, ao século V a.C.: o mais antigo mapa de que se tem conhecimento foi executado na Babilónia numa placa de argila e encontra-se no Museu Britânico.

É preciso chegar ao século XV e à divulgação de uma nova concepção do Mundo herdada da Geografia ptolomaica, à determinação das latitudes e à divulgação da Imprensa, para a Cartografia encontrar novos rumos no seu desenvolvimento, fornecendo à Geografia não só um importante instrumento da escrita da Terra como um extenso universo de investigação.

É um pouco desta viagem que foi proposta efectuar através da cartografia disponível no acervo particular do Professor da Universidade de Coimbra, Doutor Carlos Alberto Nabais Conde. Os seus mapas transportam-nos desde os ptolomaicos, aos do século XIX, permitindo-nos observar o Mundo, percorrer a Península Ibérica, viajar por Portugal, continental e insular, visitar Coimbra.

Congregando um vasto espólio que permite “Olhar o mundo, ler o terri-

tório” o catálogo introduz o leitor por muitos discursos e diversificados percursos do tempo, das técnicas e das ciências. Os mapas mostram como a escala condiciona as representações cartográficas e muito da Geografia acaba por ser a arte de cartografar. Mas mostra, também, ao cidadão, à comunidade científica e, sobretudo, ao público mais jovem, como foram evoluindo os registos cartográficos: da escala geral à escala local; as técnicas, os materiais e os modos de construção; o desenho e a cor; o real e o simbólico. Sem esquecer, como refere Almada Negreiros que “o mapa tem a sua erudição própria. Através do mapa político do mundo cada povo tem a sua expressão própria no seu respectivo lugar”.

Na terceira exposição e respectivo catálogo procurou-se salientar quer a obra quer as virtudes científico-pedagógicas do Professor Fernandes Martins, assim como dar a conhecer parte das suas facetas como homem, cidadão e professor, desconhecidas mesmo dos seus antigos discípulos, mas que ajudam a entender a sua capacidade de encantar quem tinha o privilégio de com ele conviver.

Alfredo Fernandes Martins nasceu em Coimbra e foi, por idealismo, cidadão do Mundo. Brillhante professor, mestre que influenciou, através do ensino e da investigação, gerações sucessivas de geógrafos, foi uma personalidade que amou a sua cidade. Cidadão empenhado, cultivou um modo diferente de estar, não deixando indiferentes muitos dos conimbricenses que com ele se cruzavam. Geógrafo atento e perspicaz, estabeleceu um convívio tão íntimo e cúmplice com a cidade que Alfredo Fernandes Martins se confunde com um tempo e uma vivência de Coimbra.

Conviveram em Fernandes Martins duas cidades: a académica, à qual pertencia, e a futrica, a outra Coimbra, dos salatinas, dos artistas, dos artesãos da Alta, que se prolongava pelos cafés e pelas ruas medievais da Baixa e pelos bairros operários da periferia. Amou a cidade à sua maneira de forma plena e empenhada, conheceu-a por dentro nas suas virtudes e contradições: “amo esta Coimbra, berço meu, de um amor reflectido e sereno, amor que me vem da meditada interpretação plástico-geográfica da paisagem, do que sei do evoluir do aglomerado urbano no curso das idades, da admiração pela actividade fecunda dos seus filhos, da inteligência do que tem sido o contributo da cidade para a vida colectiva da Grei”.

A Coimbra vivida por Alfredo Fernandes Martins ficou sempre aquém da cidade solidária com que sonhava.

Na passagem de duas décadas sobre a sua morte, lembrar Fernandes Martins foi não só homenagear um Mestre da nossa Universidade, mas trazer à memória da cidade o cidadão que a amou, estudou e divulgou. Homenagem merecida que não se pôde regatear.